

## **COMPROMISSO NA POESIA**

**E. P. THOMPSON**

**1979**

## **Tradução**

### **TRADUTOR**

**Raul Victor Vieira Ávila de Agrela**

Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES. Email de contato: raul.agrela@hotmail.com.

**COMPROMISSO NA POESIA**  
E. P. THOMPSON  
1979

**COMMITMENT IN POETRY**  
E. P. THOMPSON  
1979

Raul Victor Vieira Ávila de Agrela

**RESUMO**

Tradução realizada por Raul Victor Vieira Ávila de Agrela de “Commitment in poetry.” extraído de THOMPSON, E. P. **Making history:** writings on history and culture. New York: The New Press, 1995. p. 330-339.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução. Compromisso na poesia. Thompson.

**ABSTRACT**

Translation by Raul Victor Vieira Ávila de Agrela of “Commitment in Poetry.” excerpt from THOMPSON, E. P. Making History: Writings on History and Culture. New York: The New Press, 1995. p. 330-339.

**KEYWORDS:** Translation. Commitment in Poetry. Thompson.

## I

Eu desconfio do termo “compromisso” porque ele pode, facilmente, escorregar para usos que frustram sua aparente intenção. No primeiro estágio, compromisso aparece como uma atitude apropriada para um poeta, sem nenhuma definição adicional, ou seja, encontra sua definição em termos da própria sensibilidade ou estado de ego do poeta – um poeta tem Fantasia, outro tem Autoconcentração e outro tem Compromisso. No segundo estágio, “compromisso” deve ser seguido pelas preposições “em” ou “para”: o compromisso é uma disposição de interesse do poeta, mas o que o poeta é comprometido *para* permanece pré-fabricado, ali, externo ao poeta, aguardando sua apropriação. O poema não cria o compromisso, ele simplesmente endossa causas que já são conhecidas e que foram reveladas sem qualquer esforço de sua parte.

Não vou me perlongar muito com esse deslize no uso do termo: no primeiro estágio, há um caráter romântico, ao passo que, no segundo estágio, há o uso utilitário. Juntos, esses usos deixam o poeta livre para escolher causas como se escolhe chapéus, seja no sótão da história ou nas boutiques radicais de hoje. Em ambos os casos, os chapéus devem ser analisados, pois sua escolha pode muito bem ser o indicador de compromissos ulteriores de um tipo mais profundo. O “radical” moderno, que opta por usar boinas militares ou maoísta, talvez esteja sinalizando um compromisso com a autoexibição, uma tentação à violência ou excesso de afrancesada<sup>1</sup> verbalização, em desacordo com seus compromissos declaradamente racionais ou democráticos. O que o “monarquista” pode estar sinalizando quando ele veste o chapéu de Maurras pode ser descoberto somente através de uma análise fundamentada, no qual o ensaio de John Silkin<sup>2</sup> é um exemplo. Chapéus históricos (como a insígnia nazista

<sup>1</sup> **Nota dos tradutores:** o termo utilizado por Thompson aqui foi *outrance*, palavra de origem francesa incorporada ao vocabulário inglês, seu campo de significados conecta-se com “até o último extremo”, “com exagero”, “sem tréguas”, em suma, liga-se à ideia de um comportamento que vai até as últimas consequências. Sendo assim, acreditamos que Thompson buscou unir, com o uso de *outrance*, seu repúdio à linguagem radicalista, bem como à importação acrítica por parte dos intelectuais e militantes ingleses de ideais e vocabulários franceses.

<sup>2</sup>**Nota dos tradutores:** Thompson não deixa claro a qual ensaio de John Silkin ele se refere, contudo, acreditamos que se trata de “Poetry of the Committed Individual”, uma antologia de textos reunidos pela revista *Stand* com contextualização das simbologias históricas a cargo de John Silkin, que afirmava, na p. 32: “A nota introdutória reúne as referências históricas e, em seus próprios termos, reúne parte do material para consideração e ambientação (prévias)” (tradução nossa).

usada no ano passado pelos jovens iludidos do *NF*<sup>3</sup>) podem parecer simplesmente esplêndidos, provocativos e bizarros, mas eles devem receber esse tipo de exame criterioso dentro dos próprios termos da História.

Mas isso nem sempre resolve a questão. Os poetas costumam ser lamentavelmente ruins como juízes políticos e têm o hábito de se perderem nos labirintos do reconhecimento turvo. Às vezes, precisamos prestar mais atenção em quem escolhe e seus valores e menos no artigo escolhido. Cairns Craig, em seu ensaio reflexivo, pode facilmente supor que Yeats foi “profundamente reacionário” em termos políticos. Eu penso de outra forma, embora eu não espere defender meu ponto de vista em um breve comentário. Isto se deve, em parte, porque identifico em Yeats uma disjunção incomum entre a opinião que ele expôs e os valores que impulsionaram sua escolha. Como William Morris notou, depois da confusão no *Socialist Clubroom*, em Kelmscott House, “toquei a campainha do meu presidente porque você não estava sendo compreendido”. Certamente Yeats tinha gênio para escolher para si mesmo chapéus reacionários e exibicionistas. Ele cortejou mal-entendidos.

E, no entanto, não consigo ver nenhuma maneira pela qual a compaixão deva ser definida como uma qualidade reacionária, e o tipo de compaixão autocritica evidenciada em “Meditations in Time of Civil War” ou em “Nineteen Hundred and Nineteen” é uma qualidade – e uma qualidade política – com a qual parte da Esquerda intelectual de hoje não é ricamente dotada.

Alimentamos o coração com fantasias,  
O coração se tornou brutal com o alimento;  
Mais substância em nossas inimizades  
Do que em nosso amor...<sup>4</sup>

Talvez um dia algumas abelhas retornem trêmulas à casa vazia<sup>5</sup> da aspiração socialista que o estalinismo e a burocracia da social-democracia desocuparam. Do contrário, vejo, então, poucas perspectivas favoráveis, pois as tentativas da intelectualidade de Direita de invocar (do lado deles) uma Inglaterra histórica é imatura e excêntrica, pois se aquela antiga

<sup>3</sup>**Nota dos tradutores:** refere-se aqui as manifestações públicas e simbólicas da Frente Nacional Britânica, partido político conectado ao ultradireitismo, ao neofascismo e ao supremacismo branco que, durante a escrita desse texto (possivelmente 1979), vivia o auge de sua popularidade, usando de maneira explícita, embora, às vezes desapercebida pela imprensa britânica, símbolos nazistas e negacionistas em relação ao Holocausto.

<sup>4</sup>**Nota dos tradutores:** Poema de William Butler Yeats chamado *The Stare's Nest by My Window* (1928). Original: “We had fed heart on fantasies/ The heart’s grown brutal from the fare/ More substance in our enmities/ Than in our love...”

<sup>5</sup>**Nota dos tradutores:** Thompson faz referência aos versos seguintes da estrofe do poema de Yeats: “O honey-bees,/ Come build in the empty house of the stare”.

“sociedade orgânica”, na qual as classes apresentam uma “ordem da natureza” inquestionável, não é uma Inglaterra que os historiadores sociais podem encontrar; a tentativa de colocar todos nós em uma ordem orgânica está certamente muito avançada hoje. E é o “capital” – agora duvidoso e supranacional, mas ainda com uma inércia imperativa – que está desmantelando diariamente essa Inglaterra histórica sobre nossas cabeças: destruindo inexoravelmente velhas paisagens, velhos edifícios, velhos modos culturais e se esforçando para compactar-nos convenientemente em um circuito modernizado e administrado de necessidades condicionadas e suprimentos compatíveis. É o dinheiro que procura dominar a sociedade como seu órgão. E a Direita real (não a Direita de chapéus de festa e homilética de igreja), há um bom tempo, negocia pontos de privilégio dentro desse circuito. Há muito tempo eles estão nos estudos de negócios, iconoclastia, consumo secular conspícuo, Auberon Waugh, racionalização, pseudoclassismo sem classe e aeroportuários. Quando eles não estão em Washington, fazem as malas para um fim de semana em Bruxelas, ou Frankfurt, onde a multinacional recebe-os na alfândega, no *duty free goods* e *sexshop*, cujo sinal (para os iletrados) é um par de pernas e seios. É isso o que a Direita faz agora, e eu não tenho dúvidas que deixa Davie e Sisson furiosos. De que importa as “várias Inglaterras” para a Direita real? Enquanto isso, os valores antigos hesitam confusos em busca de referências sociais. Acima de suas cabeças, a velha retórica política cresce. A Direita (que acabou de retornar de Bruxelas) alega que o nacional é isso ou aquilo, ou a história, ou (regressando agora de Frankfurt) a família. A Esquerda (lutando amargamente com os textos de 1844, 1848, 1917) reivindica modernidade, progresso e inovação. Os valores se esgotam com tudo isso e procuram um lugar tranquilo para realinhar-se. Temos que prestar atenção e ver o que eles fazem.

## II

Um lugar onde eles poderiam se realinhar é na poesia. Talvez devêssemos inverter a habitual questão, e perguntar não sobre o compromisso da poesia com... seja qual for, mas sobre o compromisso das pessoas com a poesia.

Não falo do problema da perda de um público de massas para a poesia, ou da “boa presença” nas Corridas de Galway. Eu me refiro à marginalidade da poesia entre outras atividades intelectuais: Será que as funções atribuídas habitualmente à poesia no passado, de assinalar mudanças de sensibilidade, de afirmar e organizar valores, de melhorar nossa

percepção nos termos primários de comunicação e de “revelar e definir compromissos” – essas funções foram deslocadas, marginalizadas e assumidas por algum substituto? Ou será que o lugar de onde surgiram alguns dos compromissos mais profundos do passado ficou simplesmente vazio? Esquerda e Direita, qual poeta contemporâneo e quais poemas – a menos que seja um consolo marginal – nos leva a algum compromisso? Em situações de emergência, em crises de escolha, ou nos períodos longos de resistência, quais imagens e formas nos auxiliam a definir nossas lealdades humanas?

A pergunta é injusta. Talvez esse tipo de compromisso, com poetas e poesia, sempre tenha sido raro e geralmente tem sido com poetas de uma geração anterior. E se não temos poetas contemporâneos que podem orientar tais compromissos, então isso não é culpa de ninguém. Mas pode haver “razões” que valem a pena analisar. Talvez, aqui e ali, haja pessoas que, em um ambiente apto, poderiam ser poetas ou moralistas das últimas décadas, mas cujos talentos estão enterrados na sociologia e na pesquisa histórica? E a carência de declarações importantes associadas à vida pública e social – o tipo de declaração que pode permitir as pessoas a visionarem a ação política como algo que é carregado de valor significativo – pode ser uma parte substancial do nosso problema. Quando falo “nossa problema” não me refiro a um problema exclusivo dos poetas, críticos e historiadores convidados, mas me refiro a um problema de uma sociedade vazia de aspirações, sem direção. Se tivéssemos uma poesia melhor, teríamos uma sociologia melhor e uma política menos vazia e falseada. As pessoas com uma visão limpa não tolerariam essas ofensas à linguagem e essas banalizações de valores.

### III

Então, quando o argumento é invertido, ele fica dessa maneira: a poesia, em nosso tempo tem falhado em destacar importantes valores ou revelar e definir compromissos sociais: pensadores, artistas e moralistas têm falhado também. Assim, boa parte da vida social e política se mostra vazia de valores a não ser que seja enquanto hábito retórico. Poetas não podem estar compromissados com alguma política contemporânea porque essas estão desprovidas de qualquer valor obtido ou palpável suficiente para suportar o peso do compromisso poético. Eles se deixam levar por políticas irreais (sejam “monaquistas” ou “revolucionários”) que implicam poucas consequências que os enredem em obrigações e

lealdades efêmeras, e, assim, devem ser vistos mais como atitudes e posturas do que propriamente compromissos. Eles estão representando papéis um para o outro em um psicodrama às margens da sociedade, alguns com bonés de Che Guevara e outros com indumentárias vistosas com plumas.

Eu destaco isso com o objetivo de esclarecer o argumento e para enfatizar a implícita reciprocidade em uma noção de compromisso mais densa. O poema pode indicar e definir valores que revelam compromissos políticos e aqueles que são politicamente ativos podem obstinadamente agarrá-los porque eles estão, nos seus termos, compromissados com o poema e seus valores. Nada disso acontece agora, é claro. Tampouco suponho que os complexos processos históricos de formação de valores possam realmente ser organizados dentro desse paradigma. Tal qual o peixe nada, mas sem controlar as correntes e as ondas.

O próprio mar, a pressão paralisante das águas, o fluxo das marés, são tomados como incontornáveis; e como eu havia informado, facilmente isso pode passar para generalidades: “políticas”, “poesia”, “valores”, como se fossem universais e não problemáticas. Isso não tem sido o mar universal. Temos passado, nas últimas décadas, por uma experiência histórica particular e uma perturbação de valores única. Quando olhamos para toda a paisagem marinha, podemos constatar que nosso problema permanece, em um sentido mais profundo e generoso, um problema político: um problema, não de “política” e “poesia”, ou “público”, ou “pessoal”, mas um problema particular de distúrbio total em um momento de transição histórica.

Eu fiz meu próprio diagnóstico da gênese do problema em um ensaio de 1959, “Outside the Whale”, no qual eu argumento que a crise da poesia pode ser entendida somente em relação ao afastamento espiritual consequente ao deslocamento com o Comunismo, assim como a mórbida inércia da Guerra Fria. Eu não podia fazer uma revisão do argumento aqui, nem o atualizar depois de vinte anos. Se eu fosse fazer, gostaria de concordar com grande parte da visão da pesquisa de Cairns Craig sobre a situação “inglesa”. Mas sua crítica, que recai diretamente sobre uma “Direita” nostálgica, deve ser certamente complementada por uma crítica, não menos implacável, de uma “Esquerda” desenraizada? Pois não são somente os utilitaristas e positivistas mas também (como eu argumentei em *A miséria da Teoria*) a Esquerda marxista-estruturalista reduziu a política à negociação ou confrontação de interesses “cientificamente” determinados, então a própria noção de política como uma descoberta e escolha de valores tornar-se suspeita e repugnante (“romantismo”, “utopismo”, “humanismo”,

“moralismo”); e mais, a formação de valores tornar-se um exercício subordinado e determinado, a colherada de sopa azeda da “des-mistificação” da ideologia moralista, uma tosse apropriada de confirmação do que a “ciência” revelou. Poesia nenhuma com dignidade deixaria seu lugar particular para adentrar no serviço do filistinismo. E nenhum poeta o fez.

Bem, podemos não concordar com isso. Podemos nos aproximar do acordo se observarmos para nós mesmos com relação a um contexto de um momento histórico comparável de profundo desencanto e distúrbio de valores. Eu estou, tal qual Cairns Craig, preocupado com os anos 1790. Perambulei por décadas. Nesses anos todos, tudo foram mudanças ou premonição dessas mudanças que estavam por vir.

Retórica e valores diluíam, novos valores estavam em formação. O paternalismo permissivo e humano<sup>6</sup> desmoronou-se em um anti-jacobinismo histérico (os últimos anos de Burke) ou evangelismo vigilante (o Clapham Saints, Hannah More); em poucos casos excepcionais (Major Cartwright), isso passou para uma persuasão democrática mais ativa. E numa acrobacia espantosa, Cobbett saiu de um anti-jacobinismo patriótico para um populismo anti-*establishment*, ultrademocrático numa roupagem de tradicionalismo. E a Esquerda? Postos um ao lado do outro, às vezes habitando movimentos comuns (oposição às Guerras Francesas e aos *Two Actos*), encontramos o elitismo patrício Whiggish, o benevolismo autossatisfeito, o iluminismo, inovações sexuais corajosas, republicanismo arcaico, o populismo contundente, utilitarismo burguês emergente, o milenarismo místico. Aqueles que habitam essa “Esquerda” estão compromissados com estratégias e finalidades antagônicas, apelam para valores alternativos e já estão pensando em decisões que os colocam simplesmente em trajetórias opostas:

Aquela causa justa (tal poder o da liberdade) vinculada,  
Por uma hostilidade, em liga amigável,  
Naturezas etéreas e o pior dos escravos

<sup>6</sup> **Nota dos tradutores:** Thompson passa a se referir aqui, e prossegue nas linhas a seguir, a variadas experiências históricas vivenciadas no Reino Unido durante o século XVIII e inícios do século XIX; optamos por não inserir notas explicativas sobre essas experiências, nos mantendo fiéis ao que nos parece ser uma tendência da escrita de Thompson, presente pelo menos desde “Senhores e caçadores”, de não explicar essas vivências pouco conhecidas do público em geral, e, às vezes, até de especialistas nesses recortes. Não sabemos o que levou Thompson a esse procedimento, mas especulamos que a estratégia de Blake de criar ares de “maravilhamento”, “distanciamento” e “curiosidade” sob seus textos, usando de uma mitologia que ele mesmo criara (portanto, estranha aos demais), pode ter incitado Thompson a buscar estimular a curiosidade, o estranhamento e o maravilhamento para com o recorte histórico em questão, usando de expedientes semelhantes aos de Blake. Nossa recomendação aos leitores é que invistam em buscar maiores esclarecimentos sobre essas intrigantes vivências, nos parece ser o que Thompson gostaria que ocorresse.

Foi servido por defensores rivais que vieram  
De regiões opostas como o céu e o inferno.  
Uma só coragem parecia animar todos eles...<sup>7</sup>

O que acontece dentro da “Esquerda” e da “Direita” foi mais significante que o antagonismo manifesto entre ambas. Não podemos ler o caráter das pessoas a partir de suas opiniões: o avanço do iconoclasta godwinismo de 1797, John Stodard (irmão de Hazllit), estava prestes a se tornar (vinte anos depois) “Dr. Slop”, o principal representante dos pensadores e sediciosos plebeus. É simples de descriminar o que o povo era contrário: o godwnianismo, que era tão pouco progressivo, era contra a família, a lei, as instituições góticas, gratidão, o amor dos parentes pelas crianças ou o contrário, a ignorância da população, a inconstância dos franceses, as indícios agitações das reformas sociais populares. Isso os deixou com muito pouco para ser a favor, além da Razão e da Benevolência, para as quais não foi fácil encontrar uma habitação local e um nome fora de suas próprias cabeças. Para alguns, radicalismo foi uma egotrip juvenil que rapidamente maturou em direção à Direita. Talvez não seja isso que trate o não satisfatório trabalho *The Borderers*? Para outros, o desencanto nas expectativas utópicas que ascendeu a partir da Revolução Francesa proporcionou para uma reflexão histórica e filosófica, para um autoexame, na busca por afirmativas seguras.

Sabemos como importante foi a poesia e a crítica em toda a exploração e reorganização de valores. Alguns dos confrontos mais acirrados ocorreram dentro da “Esquerda”: Blake polemizou contra o materialismo mecanicista e o benevolismo; Wordsworth (ainda republicano) polemizou contra o fantasma de Godwin; Coleridge, aos 30 anos (ou aos 35 ou aos 45), polemizou contra Coleridge aos 25 anos: todos polemizaram contra o utilitarismo.

Eu estou sugerindo que só pode ser resumido em um material textual, é que nossa época pode ser assim. “Esquerda” e “Direita” perderam sua estabilidade de significado de maneiras semelhantes. A pressão do desencanto levou a compromissos descontrolados. Amigos e inimigos coabitam nos mesmos movimentos. É mais fácil saber que outras pessoas (e talvez nós mesmos?) são contra aquilo que somos a favor. E temos um radicalismo intelectual avançado de opinião semelhante, deslocado de quaisquer compromissos sociais

<sup>7</sup>**Nota dos tradutores:** Poema de William Wordsworth presente no livro *The Prelude* – livro autobiográfico escrito em versos pelo poeta do romantismo inglês, durante o período da Revolução Francesa. Original: “That righteous cause (such power hath freedom) bound/ For one hostility, in friendly league,/ Ethereal natures and the worst of slaves;/ Was served by rival advocates that came/ From regions opposite as heaven and hell./ One courage seemed to animate them all”.

reais ou sérios (aliás, que faz desse deslocamento um mérito) e cujas afirmações são problemáticas ou ainda não foram divulgadas.

Se assim for, então, há certamente trabalho mais sério para os poetas. A experiência histórica, naquele período e no nosso, tornou irrelevante os antigos tipos de compromissos políticos. Para reconstruir esses compromissos, tanto programas quanto pessoas precisam ser reformulados, e os valores que os sustentam – pontos positivos mais que pontos negativos – devem ser revelados. Não estou afirmando que, em todos os períodos e lugares, a poesia deva ser a precursora da cultura intelectual. Estou apenas argumentando que nós estamos em um período assim agora.

#### IV

Se existisse tal poesia, o que ela estaria fazendo, o que estaria dizendo? A pergunta é ridícula: se em prova soubéssemos não haveria necessidade de poetas. E, de qualquer forma, tal qual aqueles dos anos 1790, os poetas diriam muitas coisas opostas e peculiares.

Eu suspeitaria apenas que uma poesia que recriasse os valores de uma “esquerda” poderia ser desconfortável para a maioria de nós que nos consideramos de esquerda, e extremamente desagradável para parte dessa esquerda intelectual que é tão estridentemente competitiva em sua busca por causas avançadas e “revolucionárias”.

Mas os poetas não criariam a política, o que poderiam fazer seria revelar os valores ocultos sob as construções abstratas, indicar a consonância dos grupos de valores e a incompatibilidade de um grupo para com o outro. Então, as pessoas teriam que fazer sua escolha. Um exercício desse tipo poderia trazer à luz, mas muito pouca doçura. Poderia acontecer que a Esquerda seja habitada por valores em furiosa inimizade entre si e que as pessoas se relacionariam melhor se elas se organizassem em partidos novos e procurassem por nomes diferentes: egocêntricos aqui, agressivos ali e *communitas*<sup>8</sup> em qualquer outro lugar.

---

<sup>8</sup> **Nota dos tradutores:** acreditamos nos deparar aqui com uma tentativa de E. P. Thompson de repensar o espectro político do comunismo, reorganizando seu vocabulário, seus compromissos morais, suas causas e mesmo sua autonomeação a partir da influência das experiências dos *commoners* ingleses ou dos communalismos pré-capitalistas sobre o imaginário utópico do historiador em questão. Daí a opção pelo termo em latim *communitas*, que poderia ser traduzido como “estado de ser comum” e que, à época, costumava ser empregado pela antropologia britânica (expoente disso é o debate antropológico agrupado em torno das “Morgan Lectures” organizadas pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Rochester) para se reportar a sociedades

Para a Esquerda, nos últimos quinze anos, tem se tornado um lugar muito estranho. Não estou tão preocupado como estão os intelectuais com relação ao “conservadorismo” do sindicalismo e trabalhismo tradicionais (“cooperativo”, “subordinado”, “reformista” etc): uma atitude defensiva contra a gestão do dinheiro me parece uma resposta humana mesmo que não adequada. Estou mais preocupado com os intelectuais, ou com alguns deles. Não posso presumir, como John Silkin parece fazer, que a violência intelectual e o elitismo sejam encontrados apenas na Direita. Sua vigilância e ansiedade não poderiam ser estendidas à Esquerda também? Sem dúvida, *The History of Man*, de Malcolm Bradbury é uma sátira contrarrevolucionária cruel, mas isso foi próximo o suficiente da realidade para me preocupar, assim como a sátira mais espirituosa de Ben Jonhson, *Tribulation Wholesome*, deveria ter preocupado (e sem dúvida preocupou) os puritanos daquela época. Há alguns na “Esquerda” que flertam com conceitos de violência e agressão de uma forma que sugere uma desordem da imaginação, uma mera bravura de opiniões. Observei os olhos de uma jovem mulher, que sei ser gentil e sensível, brilharem de excitação com os assassinatos de Manson: atos que ela supôs terem algum significado “revolucionário”. Já discuti mais de uma vez com pessoas de classe média confortável, que considerariam a filiação ao Partido Trabalhista (ou ao Partido Comunista ou qualquer outro em oferta) como uma ofensa aos seus altos princípios, mas que tentaram me persuadir de que o Baader-Meinhof e as Brigadas Vermelhas estão se engajando em uma luta justificada contra a violência repressiva do Estado. No vocabulário deste tipo de “Esquerda” existem muitos “termos delicados ao fraticídio”.

Termos que manuseamos suavemente em nossas línguas  
Como meras abstrações, sons vazios aos quais  
Não associamos nenhum sentimento e nenhuma forma!  
Como se o soldado tivesse morrido sem um ferimento...<sup>9</sup>

Outra coisa que me preocupa é que a geração intelectual que passou pela seleção intelectual realmente desenvolveu um colossal desprezo por aqueles que não passaram e encontro isso também em um setor da Esquerda intelectual, com seu elitismo, sua

---

sem hierarquias sociais rígidas e/ou com elevado grau de coesão social, compartilhamento experiencial e igualitarismo ou mesmo para tratar de performances rituais em que o *status* estabelecido era questionado de modo breve ou de maneira mais duradoura pela criação de sujeitos limiares, como nos rituais Ndembu estudados por Viktor W. Turner, ou nos casos já modernos de *hippies*, profetas e artistas também pensados por Turner em “O processo ritual: estrutura e antiestrutura”.

<sup>9</sup> **Nota dos tradutores:** Versos do poema de Samuel Taylor Coleridge escrito em 1748 durante a ameaça de invasão. Original: “Terms which we trundle smoothly o'er our tongues/ Like mere abstractions, empty sounds to which/ We join no feeling and attach no form!/ As if the soldier died without a wound;”.

desconfiança em relação à experiência e a à prática com sua ênfase na juventude, na reputação e na moda, seu silêncio sobre pessoas que são velhas ou monogâmicas ou velhas ou infelizes de maneiras desinteressantes.

Claro, isso não se aplica a toda Esquerda, nem a todos os intelectuais. Mas isso me sugere que estranhas separações estão acontecendo. E, curiosamente, alguns dos valores da “tradição” e da “Inglaterra” (e da Escócia e do País de Gales) estão se manifestando e reagrupando em um outro lugar dentro da Esquerda. No final de 1978, alguns de nós, por exemplo, nos encontramos defendendo apaixonadamente a integridade do sistema de júri, para nossa surpresa, uma de nossas instituições mais antigas, e não apenas contra juízes e policiais conservadores, mas do Procurador-Geral Trabalhista, diante de uma plateia atônita de intelectuais gabaritados e de marxista-estruturalista que nos via como intelectuais presos às mistificações ideológicas do liberalismo burguês. Onde estavam as “várias Inglaterras” da Direita, então? E onde estava a Esquerda?

Claro que a esquerda não me pertence. Talvez devesse pertencer à agressividade revolucionária. Se a mensagem da Esquerda é ser *bang bang*, então eu gostaria que eles se tornassem poetas para imaginar tudo isso, para unir sentimento e forma aos estrondos, e que isso os tornem agressivamente compromissados e não apenas uma arma de espoleta de opinião. Ou se a Esquerda estiver sendo transferida para os cientistas estruturalistas para quem a noção de “experiência” é apenas um anátema (“empirismo”), então que eles se aproximem dos poetas para que esses possam imaginar por eles. O resto de nós pode, então, se incomodar e inventar um novo nome para nós mesmos.

Em algum lugar (se os poetas fizessem seu trabalho), um outro conjunto de valores, esses mais quietos, menos vigilantes e dominantes, menos estridentes e mais compassivos, do que aqueles recentemente destacados dentro da Esquerda, poderiam (como William Morris fez) demandar menos de estruturas e instituições e mais de nossos próprios recursos criativos. A imaginação poderia explorar mais a escuridão a frente de nós, em vez ficar a poucos passos atrás da opinião, à medida em que a terra esfria sob o inverno do dinheiro, quem sabe? Alguns valores tradicionais das “várias Inglaterras” poderiam se juntar a esse conjunto para permanecerem aquecidos. Eu não os repudiaria, seria cruel trazê-los de volta à “História”.

Talvez todo esse trabalho de revelar e definir valores nos quais nossos compromissos se baseiam já esteja sendo feito na poesia e não consegui acompanhá-lo. Ou

talvez já tenha sido e eu não tenho ouvido falar: quem, na década de 1790, conhecia William Blake? Estou argumentando que nosso senso de realidade política, em qualquer sentido histórico generoso, se perdeu em retórica esgotada e abstrações assombrosas, e que a poesia, acima de tudo, é o que precisamos agora. E esta deve ser uma poesia mais ambiciosa, mais confiante em seus direitos históricos entre outras disciplinas intelectuais, do que qualquer outra que nos seja comumente apresentada hoje.

A revista Stand me convidou para comentar um debate sobre o tema (1979).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

THOMPSON, E. P. Commitment in poetry. In: \_\_\_\_\_. **Making history: writings on history and culture**. New York: The New Press, 1995. p. 78-140.

\*\*\*

Tradução recebida em julho de 2025. Aprovado em agosto de 2025.